

cR

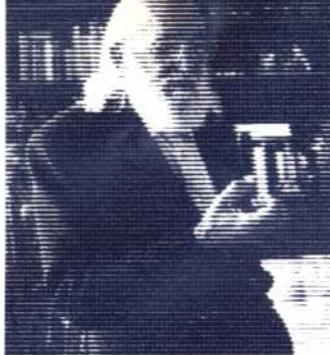
Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire



O mestre

Alicia Fernández

Psicopedagoga – Buenos Aires

Se quisermos introduzir Vygotsky, Piaget ou qualquer outro pensador nas escolas – nos dizia Paulo Freire – não o conseguiremos dando aula sobre o que eles dizem, e sim fazendo produzir, operando as idéias desses autores no próprio ensino aos professores. Assim, depois, eles poderão fazê-lo com seus alunos. Paulo Freire não só dizia aquilo, ele era o próprio símbolo dessa postura. Postura de vida, ética de ensino, onde o jogar, o aprender e o trabalhar se nutrem da mesma seiva, apropriam-se do mesmo saber-sabor.

A legitimidade de um ensino não encontramos nela mesma, e sim no que produza naqueles que aprendem. Assim como a validade da obra de alguém não está no que pontualmente escreve e faz, e sim no que outros possam produzir a partir dessa obra.

Uma prova clara da incidência do pensamento de Paulo Freire encontramos ao escutar as manifestações espontâneas de professores argentinos ao terem conhecimento da notícia de sua morte.

Quero participar, então, da necessária e constante homenagem que nós, latino-americanos, devemos a Paulo Freire, dando a palavra aos professores. E o farei através de dois meios: tentando reproduzir uma conversa escutada numa escola e transcrevendo os comentários (publicados num jornal) de alguns professores que assumiram o papel protagônico num movimento reivindicatório de docentes que está acontecendo neste momento na Argentina.

Numa escola da Grande Buenos Aires, alguns professores conversavam sobre o que havia produzido neles a notícia, mais ou menos assim:

- É como se tivesse morrido nosso avô – disse com tristeza Santiago.
- Nunca o vi, mas é como se tivesse sido um professor meu da infância – assinalou Marina.
- Assim, daqueles poucos professores queridos... dos que não podemos lembrar bem os conteúdos ensinados, mas que nos deixaram a melhor herança, a da alegria de tentar mudar – agregou Susana.
- Quem é Paulo Freire? – perguntou Blanca.
- Eu diria que é o principal pedagogo latino-americano. Colocou os alunos e os setores populares como protagonistas. Eu não recorro ter lido nada dele, mas

mesmo assim me chegou sua palavra – disse Marina. – Era brasileiro ou chileno? – perguntou Marcelo. – Brasileiro, mas eu o sinto como da minha família, daqui, deste bairro. É nosso – comentou Santiago.

Simultaneamente, um grupo representativo de professores argentinos está fazendo greve de fome e jejum numa grande barraca branca instalada na praça em frente ao Congresso Nacional. Gesto que, até o dia em que estou escrevendo, fecha quase 50 dias e que é realizado como forma de reclamar financiamento para a educação. Estão ali dia e noite, com frio ou calor, recebem a população que vai apoiá-los e conversam em pequenos grupos.

No dia 3 de maio, esses professores ouviram da boca de um de seus companheiros a triste notícia: havia morrido, no dia anterior, Paulo Freire.

Num jornal importante da Argentina, Luis Bruschtein reproduz os seguintes testemunhos de alguns professores grevistas ao receberem a notícia: “Tudo que ele proporcionou é a base, o *humus* sobre o qual construímos nossa prática. O que estamos fazendo aqui, na barraca da dignidade, está sustentado em sua pedagogia”. *Claudia Martínez, 34 anos.* “Para todos nós, a partir dos anos 70, foi significativa sua proposta de construção teórico-pedagógica a partir da própria prática. Defender a educação popular, que era um de seus postulados, se articula com esta ação que estamos realizando na barraca da dignidade.” “Conscientizar, alfabetizar para elevar o nível de vida do povo, educar para a liberdade eram suas preocupações. Nos anos 70, ele rompeu com a idéia de que nós, os professores, somos só transmissores ou executores de planejamentos elaborados em outro lugar.” *Carlos Oliva, 52 anos.* “Ele questionou o sistema liberal da educação que funcionava na América Latina desde o século passado e a colocou a serviço dos oprimidos e de sua liberdade.” *Daniel Blanco, 42 anos.* “Minha geração chegou com outros paradigmas pedagógicos, como o construtivismo, mas, na formação do magistério, continua tendo vigência Freire. Trabalhar pelos oprimidos e com os oprimidos, para transformar a realidade. Freire marcou a função política e social dos professores.” *Juan Vitta, 28 anos.* “Nós éramos de uma época em que sonhávamos em ir alfabetizar a África. Freire já era um mito para os

dos mestres

professores e para os que cursavam o magistério naquela época. Dava um sentido mais profundo e social ao nosso trabalho. Continuamos tendo sonhos, por isso estamos aqui. De alguma maneira, essa chama que Freire acendeu continua acesa para muitos de nós." *Silvia Guzzetti*, 54 anos.

"É como se tivesse morrido um professor teu. Não é alguém com quem tens um vínculo intelectual, e sim um vínculo humano. Formou a todos nós, não só em sua concepção pedagógica, mas também quanto a projeto de vida. Era como um símbolo de luta, não só docente, mas também da dignificação docente. Ele via a educação como a passagem da indignidade à dignidade." *Eduardo Macaluse*.

"A própria barraca é um lugar que dificilmente existiria se não tivesse existido Freire e sua concepção do papel social dos professores e da educação", assinalava o jornalista antes mencionado.¹

Creio que a frase é profundamente certa no sentido que todo aquele latino-americano que ensina, que briga pela vida, que busca aprender, que trata de não se deixar amoldar, que tenta não sucumbir à pressão da leviandade e da queixa, pode reconhecer-se em Paulo Freire. Encontrar nele uma figura de identificação, um ser humano a quem desejar parecer-se. Alguém que existiu encarnando a idéia de que "sem utopias a vida só seria um triste ensaio para a morte".

Paulo Freire mostrou, com sua prática, que se podia fazer algo diferente daquilo do educador "entregando" e daquele que aprendia "engolindo". Repetição do mesmo. Homologação e aborrecimento. Permitiu-nos perceber que, entre o que ensina e o que aprende, se abre um campo de produção de diferenças, de invenção, de novidade.

Provavelmente alguns dos professores nos quais a palavra de Paulo Freire está inscrita e cujos testemunhos recolhemos nunca leram (como um deles explicitou) nem sequer um dos seus múltiplos livros. Talvez porque não estivessem na moda, ou porque não eram bibliografia oficial. Entretanto, esses professores têm conhecimento dele ainda que não conheçam o conteúdo de seus ensinamentos. Sabem porque outros colegas lhes contaram, sabem porque foi se produzindo uma transmissão – construção que tem pouco a ver com idéias despersonalizadas de possíveis métodos a

utilizar, e muito com idéias personificadas numa postura, com uma ética do ensinar.

"Aprender é poder significar a informação, a partir do saber, para construir conhecimentos. Aprender é historiar-se. Recordar o passado para despertar para o futuro; é deixar-se surpreender pelo já conhecido. Aprender é reconhecer-se, admitir-se. Crer e criar. Arriscar-se a fazer dos sonhos textos visíveis e possíveis."²

"O saber dá poder de uso. Não acontece assim com os conhecimentos."

A grande falência de nossa educação tem a ver com a desqualificação do saber e do endeusamento do conhecimento. Pode-se entender por que convém a determinados sistemas que estejam circulando os conhecimentos, mas não o poder de uso sobre eles.

A linguagem, em seu uso popular, costuma fazer essa diferença entre conhecimento e saber. Assim, se alguém diz "sei dirigir", supõe-se que se lhe provesses de um automóvel poderia sair dirigindo, mas se diz "eu conheço como se dirige um automóvel", até o melhor amigo teria dúvidas quanto a emprestar-lhe seu carro.³

Paulo Freire permitiu e permite que os professores possam reencontrar-se com seu saber.

Muitos professores latino-americanos não se socorrem do conteúdo de suas idéias ou pensarão diferente. Mas os conteúdos transmitidos, como o próprio Paulo Freire dizia, sempre são detalhes.

... "os professores, às vezes, magicizam a força do conteúdo e acreditam que o educando se conscientiza à medida que engole as informações discutidas em sala e em páginas e mais páginas de livros. Acho que isso não acontece. E, como educadores progressistas, teríamos de lutar para que a formação do professor do ensino fundamental e do ensino médio tivesse outros caminhos."

Se bem que seja certo que, no processo de ensinar-aprender exista transmissão de conteúdos (informação), para que o que aprende⁴ possa construir conhecimentos a partir dessas informações, necessita significá-las, num trabalho de implicação. Este último ponto quer dizer que o aluno possa recorrer ao saber.